

Por trás dos números:

ARMAS PEQUENAS E MORTES EM CONFLITOS

A cobertura da mídia sobre as zonas de conflito quase sempre inclui números estimados de mortes causadas em combate. Para alguns grupos e populações, essas estimativas podem ser bastante precisas – como exemplos recentes estão os números de homens e mulheres a serviço dos EUA e do Reino Unido, mortos em conflito no Afeganistão e no Iraque. Porém, geralmente, existe dificuldade em obter o número de civis e militares mortos, pois a informação não é muito confiável. Dependendo das fontes usadas nas técnicas de contagem, os resultados podem variar significativamente.

As grandes discrepâncias nas estimativas de mortalidade – e as implicações políticas que trazem – fazem surgir perguntas relevantes, sobre como as mortes em conflitos são mensuradas e reportadas. Essas perguntas se aplicam a cada um dos conflitos individualmente, como também ao total global de mortos em conflitos armados. Este capítulo analisa várias das diferentes técnicas para estimar as mortes em conflitos, desde análises de conjuntos de dados recolhidos da cobertura da mídia, aos estudos de casos focados, que são usados para se chegar a números de mortes em conflito. O capítulo também discute os aspectos fortes e fracos de diferentes metodologias.

O capítulo mostra que as mais recentes estimativas globais de mortes diretas em conflitos subnotificam a magnitude da taxa de morte humana, principalmente porque elas dependem de informes incompletos, que

são divulgados pela mídia. A mídia constitui uma fonte importante de informações sobre a extensão das casualidades. Porém, devido a diversos fatores, como proibições de acesso e segurança pessoal, os jornalistas não são capazes de cobrir todos os incidentes ou todas as mortes que ocorrem. Além disso, é difícil para um jornalista checar se a informação é confiável, verdadeira e completa, já que normalmente os dados são obtidos através de fontes de segunda mão, nas zonas de conflito.

O porcentual que a mídia diminui o número de incidentes varia, dependendo do caso. Nos conflitos no Afeganistão, na República Democrática do Congo, Guatemala, Iraque, Kosovo e Peru, as comparações entre a base de cálculo da mídia e os resultados a partir de técnicas de estimativa, sugerem que os jornalistas reportam cerca de 25% a 50% de todos os incidentes em conflitos. Quanto mais intenso é o conflito, mais agressivamente as autoridades tentam evitar a cobertura da mídia, e isso dificulta o acesso do jornalista para documentar a extensão completa das mortes. Baseado em outras fontes de informação, incluindo vigilância epidemiológica, o capítulo sugere que o número de pessoas mortas devido à violência em conflitos armados em 2003, é duas a quatro vezes mais alto do que os números dados em estudos recentes, que utilizaram estimativas baseadas em relatórios da mídia. O número total de mortes diretas em conflitos provavelmente está entre 80 mil e 108 mil em 2003, o último ano em que se tem informação disponível.

O número de pessoas mortas diretamente em consequência da violência nos conflitos armados é, contudo, só uma pequena parte do total da perda humana nos conflitos. O número de mortes indiretas causadas em consequência dos conflitos, como doenças, epidemias e fome, é com frequência maior que o de mortes diretas em combates. Informações sobre essas taxas de mortalidade são limitadas. Mas, estudos de caso nos países da África sub-Saara mostram que a média da taxa crua de mortalidade, nesses países afetados por conflitos armados, é mais que o dobro da expectativa da taxa de mortalidade natural; em alguns assentamentos de refugiados, esse número pode ser oito vezes mais alto. Estes fatores enfatizam a magnitude do impacto de conflitos numa população inteira e especialmente em grupos vulneráveis. Portanto, o número de mortes indiretas chega a ser muito maior que o número de mortes diretas em combates.



Um soldado da força da paz das Nações Unidas toma notas em uma grande cova em Gatumba, Burundi, em agosto 2004.

© Finbarr O'Reilly/Reuters

Estima-se que número total de mortes diretas em combate em 2003 está entre 80 mil e 108 mil.



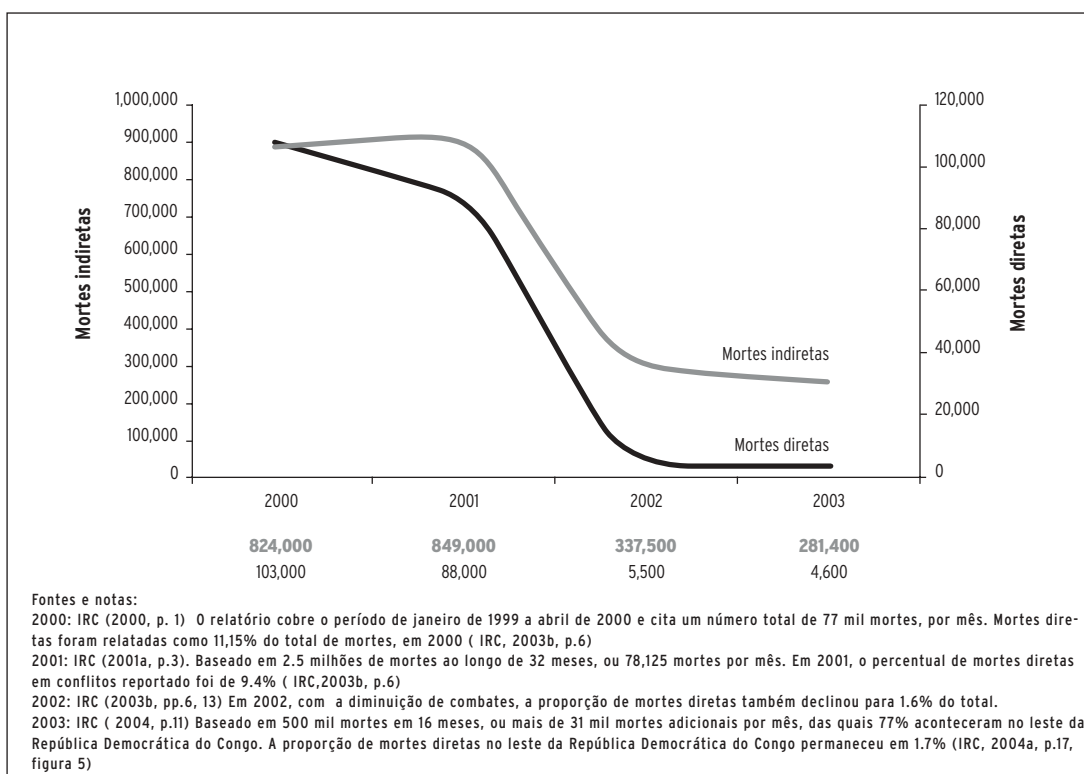
Uma equipe médica examina uma menina de 8 anos, que sofre de desnutrição em um campo de refugiados no Sudão, em junho de 2004. A menina e sua família deixaram sua vila de origem, após o lugar ser incendiado por militantes árabes de Janjaweed.

A relação entre mortes diretas e indiretas em conflitos varia de acordo com a localidade. Em alguns conflitos, a maioria das vítimas morre de fato em decorrência do uso da violência, como aparentemente foi o caso em conflitos recentes no Iraque e em Kosovo. Porém, nos países africanos sub-Saara a situação é o contrário. Informações disponíveis indicam que somente cerca de um quarto do total de mortes pode ser atribuído diretamente ao uso de violência.

As altas taxas de mortalidade também abaixam mais lentamente que as taxas de mortes diretas; se mantêm elevadas durante um longo tempo, após o fim oficial do conflito. Em parte, isto se deve ao fato de que o processo de reconstrução de infraestrutura nas áreas de saúde, serviços e

segurança leva um tempo maior, do que as negociações de cessar fogo, ou mesmo a desmobilização de combatentes.

Figura 9.3 Diminuição de mortes diretas e indiretas em DRC, baseadas em estudos IRC



Armas pequenas e armas leves são responsáveis pela maioria - entre 60% e 90% - de todas as mortes diretas em conflitos, porcentagem que varia de acordo com a natureza do combate.

As armas pequenas são instrumentos importantes em todos os conflitos atuais: elas são responsáveis pela maioria - de 60% a 90% - de todas as mortes diretas em conflitos, porcentagem que varia de acordo com a natureza do combate. Elas também têm papel claro, porém inquantificável, nas causas de mortes indiretas em conflitos. Além disso, a presença de armas pequenas em conflitos aumenta a intensidade de outras formas de violência. Durante o genocídio de Ruanda em 1994, as armas pequenas foram usadas para cercar e juntar as pessoas, que mais tarde foram mortas a machadadas. As armas foram instrumentos significantes naquelas mortes; sem elas, a força necessária para deter um grande número de pessoas não teria sido possível.